

há pessoas sorridentes, com roupa impecável e a caminhar com flores. A confusão do escritor foi maior quando se deparou com uma concentração de Magermanes, os trabalhadores emigrantes que prestaram serviço na Alemanha Socialista, embora na altura se chamasse formação, e que então reclamavam a parte dos salários que diziam estar retida pelo Governo.

**Ao puxar um fio ida dar sempre a outro.**

Exatamente. Aliás, essa reinvidicação dos Magermanes, como ficaram conhecidos, é igual à que, durante o período colonial, vários trabalhadores das minas de ouro da África do Sul e da Rodésia fizeram. Também diziam que parte do salário tinha ficado retido e que era pago, em ouro, ao estado português. Era o mesmo problema, mas distorcido.

**Mudaram os tempos, mas a História repete-se.**

É esse, aliás, o sentido que procuro nos romances. Interessa-me tratar a guerra como ela é sentida, e não como uma coisa arrumada no tempo. Para os estudos académicos, primeiro veio a Guerra Colonial e depois a Guerra Civil. Mas para muitas pessoas elas estão misturadas, os diferentes conflitos existem ao mesmo tempo pela via da memória, expressando-se, claro, de maneiras diferentes. E também há protagonistas de uma guerra que, com outros papéis, aparecem na seguinte.

**O processo de construir o Outro como linguagem tem sempre um pouco de mistificação. Outro continua calado. É um problema de difícil de solução**

**No romance, tudo o que conta é desencadeado por uma viagem. Como encontrou esse elo de ligação?**

Foi outro acaso, embora verdadeiro. Soube de uma excursão a Moçambique que estava a ser organizada por ex-combatentes a que se juntou uma mulher da Beira, que saíra de Moçambique depois da Independência. Ao ver o anúncio da viagem na internet decidir ir atrás da mãe e escavar o passado. Este turismo da memória, esta viagem a um passado que continua por vários meios, pareceu-me muito sugestiva. Escrever é roubar da realidade.

**“Uma história é tanto mais perfeita quanto mais se aproxima da realidade”, chega-se a dizer no romance...**

Esse é o jogo que o narrador tem com Jeí-Jei, uma das personagens prin-

cipais. Contam histórias para viver histórias reais e para inventar outras que lhes permitem, e a mim também, unir pontas, propor uma explicação para o que não tem uma.

**É uma tentativa de dar sentido às muitas incertezas do passado, do presente e do futuro?**

Sim, porque têm consciência de que vivem um momento de transição, que a História nos ensina serem mais ricos. Carregam sinais do que vem de trás e do que já se anuncia. Mais uma vez, a separação académica, muitas vezes, não permite explorar esta dimensão. A incerteza em relação ao que se viveu é importante porque mostra como o passado é muitas vezes uma assombração, uma presença.

**Tem também um longo percurso no ensino e na investigação no campo da História. A ficção dá-lhe o lado mais humano?**

Os historiadores dão muitos tiros nos pés, caem na armadilha que constroem. Mas também se consegue chegar ao lado humano na história. Gosto muito do trabalho de historiadores como Carlo Ginzburg, que se foca na micro-história, procura chegar à experiência do indivíduo, tentando reconstruir percursos e itinerários. Neste sentido, é quase um ponto de encontro, uma terra cinzenta, onde a história e a ficção se cruzam. É muito interessante vaguear por essas zonas e perceber o que se pode colher.

**A sua ficção é a sua micro-história?**

Num certo sentido, sim. Mas a ficção, ao contrário da História, não tem compromisso com a verdade, só com as pessoas. A arte, como se sabe, não serve para nada. Nasce do livre arbítrio. A literatura não serve para afirmar pontos de vista ou mensagens. Exprime o que o autor procurou dizer e talvez seja capaz de criar pequenos espaços de atenção para quem queira parar um pouco nessas páginas. É um espaço de resistência, em particular, de resistência das formas antigas, como a história, o livro, a leitura. A tese do que vem depois é melhor do que veio antes dá muito que pensar.

**É uma ilusão?**

Pode ser, e sei que há um risco de o meu discurso ser confundido com conservadorismo. É preciso olhar com lucidez para o que se ganha e o que se perde. A literatura é um jogo de dar conta do que foi feito antes, é um exercício de cultura, com os seus códigos e regras, e uma tentativa de se inovar a partir do estranhamento, de um novo olhar lançado a realidades conhecidas. JL



João Paulo Borges Coelho  
**MUSEU DA REVOLUÇÃO**  
Caminho, 488 pp, 21,90 euros

# Joaquim Namorado

## Um canto de livres compromissos

CARINA INFANTE DO CARMO

**Sob uma Bandeira dá a conhecer uma tessitura complexa que confirma Joaquim Namorado como problema desafiante e lugar polifónico de escrita poética com inegáveis 'qualidades de cativante surpresa'**



Joaquim Namorado  
**SOB UMA BANDEIRA. OBRA POÉTICA**  
Organização, prefácio e notas José Carlos Seabra Pereira, Modo de Ler, 356 pp., 35 euros

**UM EXEMPLO INTERESSANTE** é “Viagem ao País dos Nefelibatas”, incluído em *Incomodidade* (1945) e, antes, publicado de forma parcial na *Gazeta de Coimbra*, entre 1938-40, sob o nome Joaquim Namorado (JN) ou com o pseudónimo Álvaro Bandeira. Não por acaso, é irrecusável a ponte entre este ciclo e a experimentação dos possíveis e limites do racional em *Falsos Poemas Lógicos* (1984). No artigo “*Novo Cancioneiro*: historicidade de uma polifonia”, publicado na *Revista do Centro de Estudos Portugueses*, de Belo Horizonte, em 2017, António Pedro Pita dera evidência a *Falsos Poemas Lógicos* pela subversão lógica e questionamento da relação poesia-real: compreensivelmente não coubera dentro de *Aviso à Navegação*, que revisita

“‘Ode marítima’ a partir de uma releitura de Cesário Verde integrado num otimismo histórico, para não dizer épico”; abriu, contudo, *Incomodidade* e, como tal, “amplia a paleta das subtis modulações de uma heteronímia subterrânea”, e parece “amortecer a radicalidade daqueles poemas, se publicados autonomamente”.

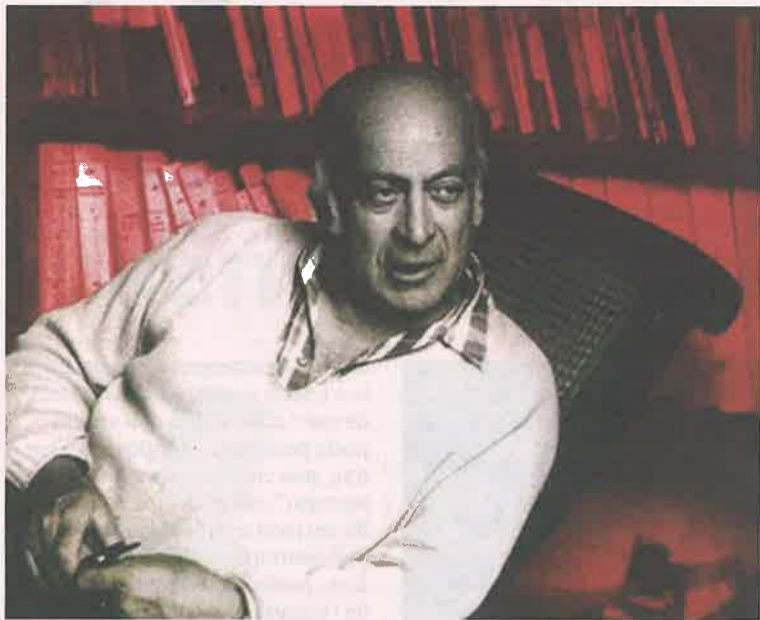
O cuidado da edição de *Sob uma Bandeira* é, sem dúvida, um fruto sazonado do trabalho de arquivo, divulgação e estudo de JN e do neorealismo, desenvolvido nas últimas décadas. É sintomático que tenha por antecedente a exposição e catálogo *Tudo Existe / O Que se Inventa é a Descrição. Joaquim Namorado 100 anos*, com curadoria de António Pedro Pita (Museu do Neorealismo, 2015). E também que a ele suceda o instigante *Aqui Estamos Lado a Lado, Como Sempre. E Assim Continuaremos* - Joaquim Namorado e Mário Dionísio: Correspondência, com leitura, apresentação e notas igualmente de António Pedro Pita (*Lápis de Memórias/Casa da Achada* - Centro Mário Dionísio, 2020). Neste último, ficamos a saber como, em finais da década de 1970, JN preparava, com afincio, o seu projeto de livro e como desejava juntar-lhe um prefácio do seu velho amigo Mário Dionísio, o que depois não pôde concretizar.

Anoto um segundo argumento para sublinhar a inegável relevância de *Sob uma Bandeira*: a agudeza e consistência críticas do prefácio de José Carlos Seabra Pereira, intitulado “Um canto de livres compromissos”. O aparente oxímoro do título sintetiza o desafio e a riqueza das pistas de leitura a que a poesia de JN dá azo, no que obriga a questionar os lugares-comuns proferidos sobre a sua literatura empenhada e o alegado descaso pela *techne* poética.

Seabra Pereira (SP) recusa “vias de sentido único” interpretativas, tenham elas o cariz detrator ou prosélito. As anotações breves que sobre JN fizera no seu monumental *As Literaturas em Língua Portuguesa* (2019) indiciavam essa justa metodologia. Antes de mais, está ciente dos equívocos suscitados pela “máscara de ferrabrás” neorealista, como lhe chamou

Dionísio, que o autor empírico assumiu, e não se furta a encarar as antinomias e esquinas desta obra poética. Eduardo Lourenço havia-as identificado no ensaio que lhe dedicou em *Sentido e Forma do Neorrealismo* (1968), embora defenda que sobre elas prevalece uma “retórica tratorista” e “alistada”, alienada da elaboração estética, pelo benefício dado à mensagem ideológica, e alheada da revolucionária modernidade pós-Pessoa. SP, por seu turno, distingue JN das “contrafações populistas da intenção social no neorrealismo” e alinha-o com “a incorporação neorrealista das aquisições da contínua revolução formal operada pelas correntes modernas da arte literária dita ‘burguesa’”, o que vê reiterado na matéria modernista tratada no ensaísmo de Namorado.

Com base numa visão múltipla e dialógica do tempo histórico em literatura, a obra de JN ganha em ser vista como “amplexiva”, termo que SP elegera para a mostrar na intersecção de conceitos de literatura e poesia, assim como de momentos e vozes literárias de proveniência diversa. Como se reconhece em *Aviso à Navegação*, é interlocutor de Álvaro de Campos e Régio, mas também de Whitman, Maïakovsky e Neruda. No caso de Campos, trata-se de



Joaquim Namorado “Fundo neorromântico e pulsão realista”

uma “relação de paragramatismo divergente, recontextualizando e por isso redelineando o *ethos* e o tom dessa poesia”. A este título, veja-se “África”, dado à estampa em *O Diabo*, em 1940, e depois em *Aviso à Navegação* (1941), e cujo impulso anticolonial antecipa, dentro do “Novo Cancioneiro”, o marco da estética da negritude entre os escritores africanos de

língua portuguesa que é *Ilha de Santo Nome* (1942), de Francisco José Tenreiro.

**EM TODO O CASO, A MÁQUINA** de produzir entusiasmo desta poesia vai de par, melhor até, integra um desassossego melancólico, bebido nomeadamente em Campos e comprovado em poemas axiais do itinerário de JN

como “Noite calma dos portos”, “Invocação a Gomes Leal” e o que SP entende ser o poema-charneira da sua obra, “A voz que me dita os versos”, onde escuta o rasto camoniano da “Elegia a D. António de Noronha”. Se a incisão militante implica o sujeito no devir histórico coletivo, não se lhe pode negar a dimensão lírica, inclusive de cariz amoroso ou bucólico. Já Jorge de Sena, na antologia *Líricas Portuguesas* (3ª. série), assinalara que “sob o sarcasmo otimista e a pretensa brutalidade de expressão, [se] escondia um lírico desesperado”.

Estamos muito longe de uma compreensão histórico-literária linear. Namorado conjuga *volens volens* o fundo neorromântico com a pulsão realista, sem que associe a literatura a uma ideia especular ou à simplista eficácia comunicativa: afirmar, como o faz em *Falsos Poemas Lógicos*, “Tudo existe/ o que se inventa é a descrição”, é assumir o artifício e a invenção do literário, quando nomeia o real. Acrescem, depois, outras linhas de análise: a tónica do humor e do escárnio, na linhagem antiga de Gil Vicente a Tolentino, de Gomes Leal a Tomaz de Figueiredo, conforme verificara Mário Sacramento; o expressionismo disfórico e caricatural, o insólito, o absurdo, em rasgos surrealizan-

tes não ocasionais, que arredam o autor de *Poesia Necessária* da simplista chateza neorrealista. Sendo essa a opinião declarada de Mário Cesariny, para enfrentar o neorrealismo, afinal não é assim tão surpreendente que a sua antologia *Surrealismo/Abjecionismo* (1963) inclua “Pequenos pedintes”, de *Aviso à Navegação*.

No fundo, José Carlos Seabra Pereira parte de um entendimento multivectorial da modernidade poética portuguesa, que remonta ao alto romantismo, e avança a necessidade de recontar a história do surrealismo entre nós. Daí referir a “associação anómala de imagens perceptivas que em Gomes Leal tinham aberto uma via proto-surrealista e que Joaquim Namorado retoma, sem ostentação da ‘escritura automática’ ou outros temas de escola”.

Por todas estas razões, a edição de *Sob uma Bandeira* dá a conhecer uma tessitura complexa que confirma Joaquim Namorado como problema desafiante e lugar polifónico de escrita poética com inegáveis “qualidades de cativante surpresa”. JL

\*Carina Infante do Carmo é profª da Universidade do Algarve, membro do C. E. Comparatistas da Fac. de Letras da Un. de Lisboa, autora de vários livros de ensaios

11 maio

# Célimène Daudet

GULBENKIAN  
MÚSICA

GULBENKIAN.PT

Chopin  
Debussy

